

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

P E S C A R I A

Hoover vem aí. Quando êle se candida-
tou á presidência norte-americana o Brasil
cafeeiro vetou seu nome. Foi das cousas mais
engraçadas desta terra tão engraçada além de
essencialmente agrícola. Agora estão sendo
preparadas manifestações oratórias. Está cla-
ro que está certo.

Hoover vem aí e vem pescando. O bata-
lhão de jornalistas que o acompanha radio-
telegrafa todos os dias contando os sucessos
da pescaria. Nem tubarão tem refugado deante
da isca. E o presidente sorri cada vez mais
contente da vida.

Hoover vem aí. Vem pescando no mar.
E desce de anzol feito bengala. Na terra con-
tinua a pescaria. Daqui a pouco a costa sul-
americana do Pacífico está no papo. E' só
substituir a minhoca da isca. O pessoal todo
já abriu a bôca esperando as comidinhas ir-
resistíveis: panamericanismo, fraternidade con-
tinental, a América dos americanos.

Hoover vem aí. Vem aí e vem pescando
perguntar que fim levaram as nossas tradi-
ções antropófagas.

Brasil, meu amor, você também virou
peixe?

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

ANECDÓTA DA BULGARIA

Era uma vez um kzar naturalista
que caçava homens.

Quando lhe disseram que também
se caçam borboletas
e andorinhas,

elle ficou muito espantado,
e achou uma barbaridade.

(Belo-Horizonte)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“A'S VEZES ASSENTAVA-ME SOBRE UMA PEDRA OU SOBRE ALGUM TRONCO
DE MADEIRA RODELADO DE TRINTA OU QUARENTA INDIOS. CONTAVA COUSAS
DA EUROPA PROCURANDO EXPLICAR-ME POR MEIO DE IMAGENS. ELLES IMA-
GINAVAM QUE O BRASIL FOSSE TODO O MUNDO; ADMIRAVAM-SE POIS OUVIN-
DO DIZER QUE ALEM DO GRANDE RIO (OCEANO) EXISTIA A EUROPA DIVIDI-
DA EM MUITOS PAIZES DE LINGUAS DIFFERENTES ETC.; O CUMULO DE ADMI-
RAÇÃO ERA SIGNIFICADO POR SONORA GARGALHADA.”

P. Nicolau Badariotti - Exploração no Matto Gorsso - p. 69

MANHÃSINHA

Um homem. Dois homens.
 Tres homens.
 Os parallelepipedos lustrosos
 escorriam agua
 dos autos barulhentos
 da Prefeitura Municipal.
 Quatro homens.
 Cinco homens que gastam 4.000 calorias
 entraram na Fabrica.
 No 6.º Andar
 uma mulher debruçou-se na sacada
 com o corpo quente
 amassado numa cama de ferro...
 O dia vinha chutando

OXYGENIO

no fim da rua...
 O chaminé da Fabrica
 preto esguio
 que tinha jogado petéca
 a noite inteirinha
 com a lua de couro
 soltou uma fumaça parda.

(Rio de Janeiro)

JULIO PATERNOSTRO

A
Sociedade Capistrano
de Abreu

(45, rua Capistrano de Abreu —

Rio de Janeiro)

está publicando o edital para o

CONCURSO DE 1929

com a tese

“O RIO SÃO FRANCISCO

NA

HISTORIA DO BRASIL”

A ANTROPOPHAGIA EM
CAMPINAS

Dizem os tolos que a anthropophagia desapareceu de nossa boa terra brasilica.

Que sarambés e que sarambelões! Se ha cousa vinculada á alma brasileira é este pequeno e innocente vicio guloso que levava a velha india convertida a pedir *in extremis* ao seu confessor um dedinho de curumim a chupar!

Ouçam os povos a veridicissima historia campineira que lhes vou contar. E reflectam: a voz da infancia é a voz de Deus! e a voz da Deusa que, na opinião dos horripilantes e felizmente defuntos gregos e romanos, habitava o fundo dos poços.

Assim, um infante campineiro, pelas palavras da sua innocencia, trahirá esta preocupação racial intensa da gente do Brasil (com s e com z): **A ANTHROPOPHAGIA.**

Assassinaram ha tempo um coitado de um campineiro que deixou enorme filharada numa pinda “disgraciada” ou antes “indisgraziata” como nos ensina o nosso grande Juó Bananére, brasileiro “inlustre”.

Um de seus pequenos foi recolhido á casa de bom e rico parente que deu optima vida ao tal crila. Tinha elle seus tres annos. Passados uns mezes foi o pequeno reclamado por um tio paterno que pediu lho mandassem, por uns dias, afim de que conhecesse os priminhos...

Poz-se o typinho a urrar desesperadamente, no auge do desespero. “No ultimo!” como se diz no Oeste. “Não quero ir para a casa de Titio! Não quero! Elle não tem o que comer! Elle não tem o que comer!”

Ficou o protector abysmado com a attitude do pequeno! — Sim senhor! Que guela se preparava alli! Que sujeitinho interesseiro e safadinho! Que aguia! Resolveu pois interpellal-o:

— Que historia é esta? Porque não quer você ir para a casa de seu tio, seu diabinho?

Derretido em lagrimas poz-se o menino a berrear, esperneando como o classico possesso:

— Foi Você mesmo quem disse que elle não tem o que comer. Se elle não tem o que comer é capaz de me comer! E’ capaz de me comer! E’ capaz de me comer!

Era a voz dos ancestres! Era a voz da velha do curumim! Era a voz grave e magestosa do velho Brasil que resurgindo echoava em Campinas!

E diga-se depois disto que a anthropophagia desapareceu do Brasil! que não é a unica legitima manifestação destes Brasis hodiernos!

E que nestes não ha lugar, para a *Revista da Anthropophagia*. Tantans! Bucuvas! Sarambés! Sararás!

(CAMPINAS)

UBALDINO DE SENRA

UMA REZOLUÇÃO HEROICA

SEBASTIÃO DIAS

Entre o chirriar insistente dos grilos, o coaxar das rãs e a segunda sóca dos canaviais me situei ha um mez. Nos limites da horta jardim e a encosta do monte ha tambem o barulho do riacho que se despeja pela bica no banheiro arruinado.

Como tudo ali ele recorda a epoca de tempos outros que deveriam ter sido melhores. Havia nas coizas um ar abatido respirando melancólica resignação: só o terraço alto persistia altivamente nobre mau grado os andrajos de cimento que lhe enchiam as fendas.

com outros poetas.

Dezanimado me sentindo incapaz de pensar coizas absurdas rezolvi escrever uma carta cujo tema fosse um que eu vira num Secretario Universal "a um parente transviado aconselhando-o voltar a trilhar a senda do bem". Escrevi 29 linhas sem entrar no assunto. Receei bater o 31 ou a 31 sem conseguir principiar. Tentei recordar todas as primeiras frases dos romances que eu já tinha lido. Comecei pela "Volta ao Mundo por Dois Garotos" (4 Vols.). Não me lembrei. Segui prás "20 Mil Leguas Submari-

que o reljio fosforecente **dele** marcasse.

Pensei nas cauzas da minha atual vacuidade de espirito; a auzencia da possibilidade proxima duma aventura amoroza mais ou menos complicada devia contribuir mais que a falta de sensações daquela vida monotona.

O candieiro por cauza do pouco querozene ameaçava apagar e a noite me enguliria com toda a sala e mais a caza. A luz era portanto necessaria. Era a unica defeza que eu possuia naquele instante contra a ameaça

Para Revista de Antropofagia,

Happiness is the freedom from
the yoke of experience.

J. Krishnamurti

A sala ampla que devia ter sido de visitas onde eu dormia com meu irmão em redes, que pela manhã enrolavamos e penduravamos nos proprios tornos estava fria na noite humida.

Fóra o sereno ia apagando inexoravelmente uma por uma as luzes dos cassacos.

Algumas recalcitravam mas tinham de ceder á força maior da obrigação do trabalho matinal.

Diante do candieiro a gaz o romance não conseguia me interessar. Levantei a cabeça, tirei os oculos, fechei os olhos e fiz força pra dizer um soneto de Cruz e Souza. Não consegui. Fiz a mesma experiencia improficua

nas" de Julio Verne. Nada. "David Copperfield" de Dickens, "O Estigma Rubro", romance cinematografico; tambem inutil.

Então pensei na primeira palavra de cada um desses e outros romances. Em vão. Comprovada a minha esterilidade mental naquela noite procurei conversar: ninguem, fóra meu irmão que estava entra não entra no sono, estava acordado.

Antes disso abri a janela, entrou aquela friagem e eu só vi no bloco cerrado da noite a luzinha da caza do vijia. Com pouco mais êle havia de bater com a maçaneta de ferro no pedaço de trilho pendurado na frente da caza grande as horas

na minha integralização nas trevas.

Sim, porque nenhuma vela eu possuia no momento.

Perhaps next season my great delicious dream be already dead.

Quanto eu dezejaria ter escrito estas palavras, embora mesmo se em vez de perhaps eu puzesse suponhamos surely. Mas foi a Deirdre que escreveu. Só o prazer de ter uma ilusão. Decididamente o unico remedio seria o sono que custava. Puz a boca fora da janela e recolhi 15 gotas de orvalho; em seguida enguli-as, dei graças a Deus e adorei profundamente.

(RIO DE JANEIRO)

2 ENSAISTAS

PAULO PRADO — Retrato do Brasil — S. Paulo — 1928.

Este ensaio sobre a tristeza brasileira não tem nada de alegre. Também não se pode dizer que seja triste. E' severo e mais nada.

Se Paulo Prado tivesse se contentado no seu quadro impressionista em desenhar o grupo das quatro desgraças — a luxúria, a cubiça, a tristeza, o romantismo — o livro não provocaria o protesto dos patriotas. Mas quiz concluir, devia concluir. E a conclusão amargou na bôca dos tristes.

O doente não tem medo da doença. Tem medo do diagnóstico e pavor do tratamento. Você se queixa disto? E'. Sente isto? Sinto. Sente mais isto? Também sinto. Então tem isto. Não, não tenho, não é possível, não estou assim tão ruim que diabo.

Toda a gente confessa que o pintor foi muito feliz no pegar a bôca, os olhos, o nariz, a testa, o queixo do modelo. Mas o rosto não saiu parecido.

A feiura do retrato era sabida de todos. Nos jornais e nos congressos não há dia em que ela não se apresente até deformada para peor. Mas até agora não havia aparecido integralmente. Um gritava contra a política. Outro contra os costumes. O lavrador falava das aperturas da lavoura. O educador dos absurdos do ensino. Tudo isso parceladamente e nem sempre com conhecimento exacto das causas.

Mas surge Paulo Prado. Então é uma inteligência acima de toda e qualquer suspeita (como certas virgindades) que descobre as mazelas. E o mal impressiona porque o médico tem inegável autoridade. Não se trata mais de um anônimo ou de um isolado confinado em seu isolamento. Porém de uma individualidade pioneira que sabe o que diz e sabe como diz. Depois a maravilha se repetiu: estudado como foi o tema ficou novo. Dai o escândalo.

O Retrato do Brasil tem para mim outro grande valor: é o testemunho de quem pertenceu á geração do Brasil-primeiro país do mundo e esse testemunho concorda com o da geração do Brasil — todo errado. Muita gente de minha idade vai agora dizer que não. Mas será fácil provar a incoerência. Geração revoltada que tem feito senão destruir, combater, renovar? Você na literatura. Você no jornalismo. Você na política. Você na critica. Você na música. E assim por deante.

Paulo Prado escreveu um livro admirável. Se for preciso gritarei e com certeza repetirei.

MARIO DE ANDRADE — Ensaio sobre música brasileira — S. Paulo — 1928.

E Mário de Andrade escreveu outro indispensável. Chego até o superlativo: notabilíssimo.

Há livros ruins como cobra porém

indispensáveis. Aquêles em que o autor sabe colher mas não sabe comentar. O que é dos outros é bom. O que é dêle não presta.

Mário de Andrade com um método e uma paciência fora do comum andou pegando na cidade e no matos os motivos raciais da música brasileira. São mais de cem melodias populares, música e canto. Trabalhadora benemerita de folelorista. Do geito que êle fez ninguém entre nós fez ainda. E' uma exposição (como êle chama) muito ordenada e muito clara. Tudo catalogado, fácil de achar e discutido com sabedoria.

Livro indispensável portanto e notabilíssimo. Notabilíssimo graças em grande parte á introdução onde Mario diseorre sobre os problemas essenciais e actuais da música brasileira. E' uma cartilha que devia ser adotada nos conservatórios.

Eu digo cartilha mas de facto é tratado. Há mesmo umas afirmações de Mário que transbordam da matéria do livro e merecem meditação na literatura e no mais. Infelizmente o espaço aqui não chega para a gente se afundar em certas frases do Ensaio.

Em todo o caso eu sempre quero dizer que Mário não faz só literatura de acção como êle diz. Toda a literatura dêle é de acção não tem dúvida. Mas não só de acção. A's vezes o artista puro aparece sem querer. O que em geral é raro mas sempre bom.

A. DE A. M.

LEIAM :

PAULO PRADO — **RETRATO DO BRASIL** (ensaio sobre a tristeza brasileira)

MARIO DE ANDRADE — **ENSAIO SOBRE MUSICA BRASILEIRA**

TRISTÃO DE ATHAYDE — **ESTUDOS** (2.ª série)

VARGAS NETTO — **GADO CHUCRO** (versos)

AUGUSTO MEYER — **GIRALUZ** (versos)

O JAPONEZ

SYLVESTRE MACHADO

Deprehende-se das estatísticas policiaes que o japonéz não é ladrão, nem bebado contumaz, nem tampouco desordeiro ou patriota em excesso. Esse ser excepcional, pequeno de estatura, não soffre do cancer. No Japão, dizem que essa doença é desconhecida. Deve-se attribuir isso ao chá, ou senão, ao arroz. Esses dois productos são enormemente consumidos no Japão, segundo o testemunho irrefutavel do snr. Aoki, pintor de paredes, que introduziu em S. Paulo a pintura á esponja, e que pintou as paredes de minha casa ha doze annos, quando eu tinha doze annos. Affirmativa tão retumbante, gravada na mente em tão tenra idade, da mente não ha de mais sair. Nem que me venham provar o contrario os propagandistas do café paulista.

Além de não ter os defeitos arribá apontados, o japonéz tem qualidades, uma das quaes é deliciosa, numa cidade como São Paulo, em que ha multidão de grosseiras aves de arribação, que guélam a torto e á direita, pisam e cospem sem cerimonia nos

transeuntes desprevenidos. Uma vez parou na minha frente um nippão. Fez tres profundas reverencias e pediu se, por favor, eu lhe podia fornecer um... phosphoro.

O japonéz é o unico immigrante que se nacionalisa em poucos annos. Os filhos são brasileiros sem discussão na casa paterna. Aos poucos vão se tornando catholicos, o que é essencial para a sua integração na raça brasileira. As nossas tradições e festas são todas catholicas. O nosso passado é catholico e somos atavicamente impregnados de catholicismo, rezas, procissões, velas, confrarias, dia de S. João, etc.

Mas os nossos illustres medicos, que não quizeram receber Voronoff, acham que o japonéz não é typo "eugenico". O italiano-malaria, o espanhol-trachoma, o bessarabiano-torre-de-babel e outras migalhas de raças balcanicas, assim como os russos cheios de vodha, são, ao ver dos nossos sabios, raças sãs e fortes, que virão formar a bella raça brasileira de amanhã.

A nossa gente culta tem uma cultura tamanha que geralmente ignora que os nossos bugres são de raça amarella. Ha por ahi muito brasileiro puro sangue, legitimo e indiscutivel descendente de indio, olhos em amendoa, pelle oliva, estatura baixa, que não admite o japonéz, porque este viria estragar o nosso padrão eugenico. Não se enxerga.

Eu só desejo mais clarividencia nos caciques que mandam no Brasil.

Que façam uma viagem a Iguape, peguem num japonéz e num bugre puro sangue e comparem.

Ora se o japonéz é de raça mais brasileira que os "brasileiros" descendentes de portuguez, negro, italiano, espanhol, etc., porque resmungar á sua entrada na terra do guarany? O guarany é um irmão mais velho delle, que se installou em sua terra o Brasil, quando os brasileiros do litoral ainda se achavam em projecto nas espanhas, portugaes, italia e bessarabias.

(CAMPINAS)

A sair brevemente :

MÁRIO DE ANDRADE — **COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA MÚSICA**

OSWALD DE ANDRADE — **SERAFIM PONTE-GRANDE** (romance)

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO — **LIRA PAULISTANA** (colecção de modinhas)

RUBENS DE MORAES — **UMA FAMÍLIA ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA** (contos)

ROMANCE DE UM MENINO TRELOSO

(Para o Jorge de Lima)

L. SOUSA COSTA

Quando eu era menino
 Vivia fazendo gaiolas
 De tabocas
 De ponteiros
 De barbas de bode
 Para um gallo de campina
 Que um dia
 Num cajueiro
 Fui encontrar num ninho!

Eu era menino
 E elle tambem...
 Eu porem
 Gostava de procurar
 Ninhos de passarinho
 De matar rolinhas de bodoque
 De fazer gaiolas
 Pro meu gallinho de campina!...

Um dia o bichinho
 Passava á larga
 E ia dormir empapado!
 Outro jejuava, jejuava, piava, piava
 E eu não ligava...

“Ou menino marvado:
 — Dizia a mãe preta —
 Na Semana Santa
 E esse treloso
 Judiando com os passarinhos!”

Piu-piu! Piu-piu! Piu-piu!
 E minha mãe dizia:
 “Menino, vae dar pirão ao gallo de campina!”

(PARAHIBA)

ENCANTAMENTO

O sacy pererê do alto da serra
 entrou na taba rasteira
 do pagé de pelle de cobre,
 e roubou a filha do velho.

E levou ella para a matta verde
 para a festa pagã das mães-dagua
 que tavam dansando
 no limo verde da lagôa parada
 a dansa tapuya do véo encantado.

E a moça começou a dansar
 sobre o vidro verde da lagôa parada
 e os olhos vidrilhos do anhanguera
 encantaram a moça morena.

E a tribu morena
 perdeu a virgem morena de cabellos verdes.

E de noite as uyáras verdes
 cantaram na noite cinzenta
 no limo verde da lagôa parada
 debaixo da sombra verde do jequitibá.

E mais uma uyára cantou.

(MINAS)

CAMILLO SOARES

**Empreza Graphica Ltda.**

Livros, Revistas
 Edições de luxo
 serviços
 commerciaes

Rua Sto. Antonio, 17**Teleph. 2-6560****S. PAULO**

OS TRES SARGENTOS

Capitulo 2.º

(ROMANCE)

YAN DE ALMEIDA PRADO

A PONTE DOS AMÓRES

I

Os sargentos pararam á esquina. Já estavam alguns minutos á espera do companheiro quando chegou um conhecido pertencente ao corpo de monitores da Força. Vinha todo satisfeito aparentando envaidecimento por algum facto lisonjeiro que lhe acontecera. Cumprimentava prazenteiramente as relações que encontrava e, ao deparar os rapazes que estavam á esquina, expandiu-se em grandes manifestações de amizade convidando-os a entrar no botequim fronteiro.

— Vamos pessoal, eu pago. Vamos ver qualquer coisa, anda...

— O quê... você está embandeirado hoje!

— Talvez. Aconteceu um caso que depois eu conto para vocês. Vamos entrar...

— Nós estamos esperando o António.

— Não faz mal, não tem importância, de ali dentro mesmo nós chamamos ele quando ele aparecer.

Vencidos pelo argumento, os cavalarias accitaram o convite do ginasta. Entraram todos no botequim. Abancaram-se á roda de uma mesa de onde podiam deavassar a rua. Atraz deles estava o balcão do portuquez, dono da tasca, e ao lado a inevitavel vitrina com doces e pastéis, existente em todos os "botécos" de igual categoria. Na sala atravancada era um vae-vem de soldados que iam ou voltavam dos quartéis. Antes de entrar de guarda, as praças costumavam comer um bocado ou beber um trago, quando não se abasteciam com qualquer coisa para comer de manhã cedinho. Um infantaria louro, moço conhecido dos sargentos, fez menção de tirar uma cocada da vitrina. O graduado espantou o rapaz:

— Não coma essa porcaria, Hugo. Você morre hoje!

— Por que?

— E' veneno. No outro dia fiz a besteira de comer um desses troços... I... rapaz! Vomitei naquela árvore ali em frente, que até o sargento Aquino pensou que eu estava no pórrre!

— Não diga, seu sargento...

— Esses... de portuqueis só pensa em ganhar dinheiro envenenando a humanidade. Si você soubesse como isso é feito, você nem olhava para a vitrina.

O dono do botequim julgou que devia protestar;

— Nam sinhoire. Os doces de cá sam feitos com leite du milhoire e óvos frescos.

— Qual seu galego, vá contar isso para outro. Pensa que eu não vi você comprar na feira óvos quebrados porque sae mais barato...

Desandaram numa discussão amistosa acompanhada de tapas na barriga e empurrões, cujo resultado foi o portuga derrubar uma mesa e se espichar com estrondo no chão.

— Má raios... quasi que me parte as cadeiras... Olha, cai porque nam te quiz machucaire, sinão quando levantavas da mesa eu te passava uma rasteira quétatirava no barracão du picadeiro... — dizia o homem ofegante, ainda atordoado da queda.

— Sae daí, seu. Onde é que portuqueiz sabe dar rastera! Vá contar garganta para os trouxa... Vá contar isso para teus patriocio...

O outro foi atender um freguez arrastando a perna. Expli-cava ao cliente com riso um tanto amarelo:

— Isto são rapaziadas, co-nheço o sargento Cândido desde que ele apareceu por cá recruta. E' muito bom rapaz, é camarada que inté parece portuquez. Prefiro assim a certos tipos, que querem ser óficiaes, que já arrotam galões, todos cheios de novhoras, a hancarem os neurasténicos antes do tempo!

— Não teria acontecido o tombo — dizia o Cândido — si estivesse aqui o Joaquim.

— Pruqué?

— Porque quem caía era ele...

— E' verdade — indagou o outro sargento, que fim levou o Joaquim, teu patriocio?

— U que é feito dele?

— E'.

— Despedi-o praque nam tinha presença de balcão.

— Eim...

— Incomodava-me ver ao pé de mim aquele gajo enfezado, secco a modos de tuberculoso. Eu qucro é um tipo légitimo, genuino lá la minha terra Mirandela, gente valente de Traz-os-Montes. Um pimpão que agrade ás donas, e si calhar saiba partir a lata dum hómm.

— Reforçado que nem Dudú.

o lutador? — perguntou o ginasta.

— Temos muitos milhores. Vou mandar vir o mano Maneli. Vócês vão veri, aquilo é que é hómm, hómm.

— Vá, deixe de gargantas familiares, e traga mais uma cerveja — interrompeu Cândido.

Augmentara a barulheira em torno dos sargentos. Era um troar de chamados, bulha intensa de chícaraç e assucareiros, pragas e tróças, que apesar do alarido pareciam atravessar a custo a atmosfera espessa do lugar. O botequim enchia-se cada vcz mais de militares — os graduados nas mesas, os inferiores em grupos deante do balcão ou da vitrina das comidas. No ambiente turvo, reuniam-se homens vindos dos quatro angulos do paiz, do Norte, Sul, Leste e Oeste. — As suas vistas, antes de ver a scena que o quadro da tasca apresentava, tinham pousado sobre a margem de todos os rios, que correm para o mar ou para o interior, desde a Amazônia até o fim do Rio Grande. Tinham contemplado as monótonas coxilhas onde por vezes se arredondam capões circulares de araucárias, ou a caatinga reles, ou a floresta dominada pela Sumauma. Tinham visto Biribas, Chiriubas, Guaximas, Aningas, Andiróbas, Assacús, Anonas que sombream á ventura Goarás vermelhas ou Jaguaritês — unas, ou sussuaranas côr de óca. Tinham visto o leque e a palma do Buritizeiro, Assai, Guacumam, Carnauba, Muriti, sobre os quaes voejam Sanhaços, Tucanos, Periquitos, Arara verde e encarnada, Piranga azul e vermelha, Unas azul claro e azul ferrete, e Canindés amarelas e azul celéste. Tinham visto de longe o cimo verdejante e sem fim da mata, em que as ramarias das árvores disputam a altura para alcançar luz e calor e a base afundada na serrapilheira impenetravel. Tinham visto tambem a Caróba em flôr, a Suinam e a Paineira gigantescas, a Canafístula, o Ipé roxo e amarelo, o Canudo de Pito e tantos outros em que sobe a Bougainvilia, e onde se aninham Oncídiums juntamente com catléias El-Dorado ou alélia Tenebrosa. Cada retina daqueles homens guardara um trecho da sua terra, e a reunião de todas formava o paiz inteiro.

(Continua)

BRASILIANA

VIII

AVIAÇÃO

De uma nota da redacção do Diário Popular de S. Paulo, n. de 17-8-1928:

"Com o mesmo sorriso com que abraçou os companheiros ao deixar Roma para a travessia memorável até Natal, Del Prete despediu-se de todos, no leito de dor da Casa de Saúde, rumo à derradeira viagem. Para elle não tinha importância aquella partida e se viesse a ter, era como a prova maior, pois, quem percorreu a distancia enorme, ligando, em horas, a Italia ao Brasil, só a travessia da Vida à Morte, poderia superar o seu grande record."

LITERATURA

Sub-título de uma noticia publicada pela Gazeta de Sergipe de Aracajú, n. de 14-9-1928:

"Lindissimas "geishas" de olhos de velludo negro encherão as alléas do parque "Theophilo Dantas" da graça sumptuosa dos "kimonos" esvoaçantes."

RELIGIAO

De uma nota intitulada O meteorito "Santa Luzia de Goyaz" publicada pelo Triangulo de Araguay (Minas Geraes) e transcrita pelo Diário Nacional de S. Paulo, n. de 22-11-1928:

"Na ponta do "Corumbá", o sr. Ney Vidal, naturalista do Museu Nacional que o acompanhava, resolveu levar a effeito o baptismo do meteorito — para o que convidou o dr. Americano do Brasil, para padrinho, e a senhorita Escolastica Ribeiro, para madrinha. Deram-lhe o nome de "Santa Luzia de Goyaz". Desse acto foi lavrada uma acta."

NECROLÓGIO

De um discurso pronunciado pelo snr. Anastácio Vieira Machado no enterro do snr. Balini Scrafini e publicado pelo Machado-Jornal de Machado (Minas Geraes), 1928:

"Srs.

"Bem aventurados os humildes, os inansos de coração, porque delles é o reino dos céus", disse Jesus quando desceu a este valle de lagrimas, a que chamamos mundo.

Que poderei eu dizer, pensareis vós, sobre este humilde operario, cujos despojos aqui presentes vão, dentro em pouco, servir de pasto aos vermes da terra?

Dirci do morto presente que foi talvez um fraco, que tropeçou algumas vzes, muitas vezes niesmo no caminho do vicio...

Srs.: o morto presente, como disse, teve os seus destinos, mas, a esta hora, decerto, a sua alma desprendida dos laços da materia, contricta e arrependida, curva-se aos pés do Creator. Entretanto, elle foi tambem um collaborador nesse certamen a que chamamos progresso; sim, Bel-line a par de suas fraquezas, foi um lutador, concorreu com o seu braço, com a sua mão callosa para muitas obras que aqui ficam para attestar sua operosidade. Haja vista aquellas bem talhadas pedras que forniam a plataforma de nossa Estação da estrada de ferro, as quaes attestam bem o esforço de seu trabalho; porquanto foi elle quem, já bastante doente, conseguiu com o seu ponteiro de aço e o estupim da dynamite, arrebentar e apparellhar aquelles enormes blocos de granito, que lá ficam para perpetuar o seu nome modesto e humilde de apostolo do trabalho.

Paz á sua alma."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS

Por Yan de Almeida Prado (avenida brigadeiro Luis António, 188 — S. Paulo):

— "Poesias" oferecidas ás senhoras brasileiras por um baiano (1830) — 2 vs.

— José da Silva Lisboa — "Historia dos principaes successos" — 2 vs. — 1826-1830.

— "Sermões" de Antonio de Sá.

Compra livros raros em geral sobre o Brasil.

LIVROS A' VENDA

Arthur Findeisen (rua general Osorio, 61 — 3.º andar — apart. 4 — S. Paulo) vende:

— *Rugendas* — ed. alemã.

— *Principe de Neuwide* — ed. alemã — 2 vs. de texto e a colecção completa de gravuras.

— *F. Denis* — ed. alemã. — 2 vs.

Tem tambem á venda grande número de gravuras soltas de *Rugendas* e retratos em marfim dos imperadores brasileiros.

Na LIVRARIA UNIVERSAL — (rua 15 de Novembro, 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — "Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul" — 2.ª ed.

— Monteiro Baena — "Compendio" — Pará.

Na LIVRARIA GAZEAU (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— Innocencio F. da Silva — "Diccionario Bibliographico" — 19 vs. enc.

— F. Manoel de Mello — "Epanaphoras de Varia Historia" — 1660.

— "Lusiadas" — comentado por Faria e Sousa.

— Vieira — "Sermões" — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO